

# DESVELANDO MEMÓRIAS NARRATIVAS ATRAVÉS DE FOTOGRAFIA: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE MACEIÓ

## UNVEILING NARRATIVE MEMORIES THROUGH PHOTOGRAPHY: PEOPLE IN STREET SITUATION IN THE CITY OF MACEIÓ

Reinaldo Batista dos Santos 1  
Elione Maria Nogueira Diógenes 2

**Resumo:** Este trabalho visa compreender, por meio do diálogo com as pessoas em situação de rua, que circulam pela cidade de Maceió no Estado de Alagoas, de que modo as memórias narrativas desses sujeitos enredam-se com o seu próprio cotidiano – marcado por situações diversas e repleto de artefatos culturais. Daí porque tais memórias foram narradas através de fotografias por eles tiradas em um espaço/tempo determinado, no período de 2019. Para fundamentar esse percurso metodológico – exigido por nossa pesquisa –, bem como as análises de dados, lançamos mão de Benjamin (1994), Certeau (2009) e Santos (2004). Esse aporte teórico nos permitiu concluir que as memórias, forjadas em imagens, revelam que as pessoas em situação de rua se reinventam em seu cotidiano com “astúcia” e desejos diferentes, em busca de sua emancipação.

**Palavras-chave:** Fotografias; Memórias narrativas; Pessoa em situação de rua.

**Abstract:** This work aims to understand, through dialogue with people on the street, who circulate in the city of Maceió in the State of Alagoas, how the narrative memories of these subjects are intertwined with their own daily life - marked by situations diverse and full of cultural artifacts. That is why such memories were narrated through photographs taken by them in a given space / time, in the period of 2019. To support this methodological path - required by our research - as well as data analysis, we used Benjamin (1994) , Certeau (2009) and Santos (2004). This theoretical contribution allowed us to conclude that the memories, forged in images, reveal that people living on the street reinvent themselves in their daily lives with “cunning” and different desires, in search of their emancipation.

**Keywords:** Photographs; Narrative memories; Homeless person.

---

Doutorando em Educação pela Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFAL). É membro do Grupo de Pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira. 1  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8664524414563817>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7682-9523>.  
E-mail: [batistareinaldo0389@gmail.com](mailto:batistareinaldo0389@gmail.com)

Professora pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFAL). É líder do Grupo de Pesquisa sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira (GEPE). 2  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2352567866641388>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9237-6667>.  
E-mail: [elionend@uol.com.br](mailto:elionend@uol.com.br)

## Introdução

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento e coloca em relevo as pessoas em situação de rua que, ao contrário do que se costuma pensar, muito nos têm a dizer. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender de que modo as memórias narrativas desses sujeitos estão enredadas, subjetivamente, com o seu próprio cotidiano. Essas memórias narrativas foram provocadas pelas fotografias que a eles foram solicitadas tirar de seu cotidiano. Foi a partir delas que o diálogo se deu entre o pesquisador e as pessoas em situação de rua— sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, para fundamentar este trabalho, lançamos mão de Benjamin (1994), Cer-teau (2009) e Santos (2004) dentre outros que nos ajudam a compreender acerca do cotidiano dos sujeitos da pesquisa.

Vale dizer que essas pessoas estão em situação de rua por diversos motivos, levando-as, cotidianamente, a um contato permanente com outras pessoas que transitam pela cidade, bem como com inúmeros acervos culturais que compõem a cidade de Maceió – impregnadas, muitas vezes, de vozes com um certo tom de “arrogância” sobre o saber. E isso nos provocou o seguinte questionamento: de que forma as memórias narrativas de pessoas em situação de rua, revelam-se enredadas com o seu cotidiano? De que forma essas experiências – de vida – (con)fundem passado-presente-futuro?

Há inúmeras perguntas que aí se desdobram, uma vez que eles parecem sujeitos esquecidos, vivendo à margem da sociedade. Considerando que vamos voltar nossas análises para uma categoria específica de sujeitos, bem como para o contexto particular de uma cidade, assumimos o estudo de caso como abordagem metodológica, dada a complexidade do cotidiano estudado, para orientar esta pesquisa.

## Percurso metodológico: memórias narrativas deixadas pelo caminho

O caminho percorrido metodológico atravessou uma perspectiva pautada por um olhar do pesquisador, a partir de movimento de aproximação com os sujeitos, tomamos como ponto de partida a escuta como um meio de estabelecer uma relação entre os atores envolvidos na investigação, entendendo, assim, que esta se configura como uma necessidade que emerge dos processos desenvolvidos nas sociedades contemporâneas.

Esta pesquisa exploratória apresenta como uma abordagem qualitativa acerca das memórias narrativas escolares das pessoas em situação de rua. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais com um total de 6 sujeitos. Isso possibilitou fazer um cruzamento de falas para compreender o enredamento subjetivo nas narrativas escolares dessas pessoas. Vale dizer também que as memórias narrativas foram provocadas pelas fotografias que a eles foram solicitadas tirar de seu cotidiano. Foi a partir delas que o diálogo se deu entre o pesquisador e as pessoas em situação de rua— sujeitos da pesquisa. Essas memórias compõem o *corpus* de nossa pesquisa.

Considerando a especificidade desse trabalho, selecionamos as narrativas escolares apenas de 2 sujeitos, do universo de 6 sujeitos entrevistados no percurso da pesquisa. A cada encontro uma conversa. A cada encontro uma novidade, uma vez que ao longo desta trajetória foi-se criando uma certa intimidade entre as pessoas em situação de rua e o pesquisador. Uma espécie de cumplicidade. Afinal, não foram poucas as caminhadas para localizá-los em diversos bairros da cidade de Maceió.

Nesse sentido, a cada diálogo através das imagens fotográficas, é como se eles dessem, de alguma forma, uma lição de vida por meio de suas práticas “ordinárias” (CERTEAU, 2009) e culturais, sempre tão (in)visibilizadas pelos que parecem donos da verdade, sobretudo nos espaços da rua. Muitas vezes fui surpreendido, quase a contrapelo, pela contracorrente das palavras que me levava, tal como disse Clarice Lispector (1976), a “um horrível mal estar feliz”. As lições me chegavam como uma espécie de conselho, pois nelas continham as experiências desses narradores praticantes, que escapam completamente do sentido de uma lição de moral. De acordo com Benjamin (1994),

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se 'dar conselhos' parece hoje algo de antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros (1994, p.200, grifo do autor).

Muitas das vezes, esses sujeitos se mostram como sujeitos carregados de sonhos e desejos. Sonho marcado por propósitos. Mais do que "falar" pelo outro, é preciso escutar do outro. E isso lembra a uma atitude freiriana de olhar o outro: "[...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira [...] num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais" (FREIRE, 1987, p.44).

Neste passeio pelas ruas da cidade de Maceió, é possível olhar para esses sujeitos e conseguir compreender, através de nossos diálogos, que eles transformam o seu silêncio numa possibilidade de experiência fecunda. E isso é o modo tático como se dá os "[...] jogos entre o forte e o fraco, e das 'ações' que o fraco pode empreender" (CERTEAU, 2009 p.91), para mostrar suas "[...] astúcias de interesses e de desejos *diferentes*" (p.92, grifo do autor).

As memórias narrativas, forjadas em fotografias, compõem uma parte do corpus de uma pesquisa de Doutorado em andamento, cuja abordagem metodológica é de cunho exploratória. Considerando a especificidade desse trabalho, elaborado para o evento em tela, selecionamos apenas 2 sujeitos (Diamante e Esmeralda) para demarcar nossa discussão teórica, embora o *corpus* contabilize um total de 6 sujeitos. Para viabilizar as fotografias, houve empréstimo de uma câmera digital (de propriedade do pesquisador), num esquema de rodízio. Ou seja, cada sujeito da pesquisa tirou as fotos com a câmera digital, considerando o momento do diálogo e presença do pesquisador. Esse prazo estabelecido levou em conta: a demanda de sujeitos para tirarem fotos; quantidade de máquinas disponíveis; e o horário "disponível" para realizarem essa atividade, uma vez que não podiam tirar fotos durante a noite, por exemplo. Assim, todas as fotos foram tiradas durante o dia.

## Os sujeitos da pesquisa: traços da (in)visibilidade e as marcas do silêncio

Com a finalidade de compreender um pouco sobre o processo de (in)visibilidade e da falta de justiça cognitiva sofrida pelas pessoas em situação de rua, fazemos interlocução com as ideias de Boaventura de Sousa Santos (2004, 2005, 2008, 2010) e Paulo Freire (1992, 1996, 1998, 2004, 2005), para refletir sobre aqueles que, na posição de subalternizados, são considerados como sujeitos destituídos de saberes. Para Sousa Santos, sem justiça cognitiva não é possível alcançar a justiça social. Certamente, isso também tem a ver com a democracia. Afinal, é uma vivência democrática que potencializa sujeitos críticos. Ou seja, sujeitos que, pela práxis, podem, em liberdade, enunciar a "palavra verdadeira" (FREIRE, 1992). Assim, Paulo Freire diz:

Dizer a palavra verdadeira é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns humanos, mas direito de todos os seres humanos. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (FREIRE, 1992, p.60).

Percebemos, então, por meio das ideias de Santos (2010) que a sociedade moderna é abissal, excludente, injusta, pois valida apenas um tipo de conhecimento. Este, favorece apenas um lado da linha. Nesse sentido, a divisão é tal que "o outro lado da linha" é produzido como inexistente. Portanto, os que estão do "outro lado da linha" são (in)visibilizados, na condição de inexistência. Inexistência significa, nas palavras de Santos (2010), não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. E é esse "outro lado da linha" que as pessoas em

situação de rua parecem ocupar, considerando a exclusão sofrida ao longo de suas trajetórias de vida. E assim se impõe um silêncio. De acordo com o pensamento de Santos (2010), é uma forma de silêncio que se opera sem silenciamento. Ou seja, os (in)visibilizados, que estão do “outro lado da linha”, não têm como dizer o que na verdade poderia ser dito. E isso favorece as zonas silenciosas de injustiças cognitivas e, também, de injustiça social.

Para romper com o pensamento moderno ocidental abissal e ser coerente com a perspectiva da ecologia de saberes, necessário se faz dar visibilidade à(s) história(s) desses sujeitos e, ao mesmo tempo, conhecer a leitura de mundo que cada um possui, suas especificidades, seus sonhos, seus desejos, uma vez que é no diálogo, do ponto de vista freiriano, que os sujeitos expressam suas opiniões, seus anseios e esperanças. É preciso escutá-los, e, mais ainda, enxergá-los como sujeitos produtores e portadores de cultura. Assim, trazemos como protagonistas deste trabalho Diamante e Esmeralda. Vamos “escutar” suas “vozes” e conhecê-los:

**Diamante:** Tenho 39 anos. estou aqui na praça esperando minha família. Nasci aqui mesmo em Alagoas. Estudei pouca coisa, até a 4ª série, eu acho...por aí. Não lembro bem.

**Esmeralda:** É para falar de mim? (risos)...Sou Heloísa. Tenho 43 anos, não terminei os estudos... nasci aqui mesmo... e cuido dos meus amigos...venha ver minha cozinha...

Os nomes fictícios acima escolhidos é uma forma de homenageá-los. E foi dessa forma que quisemos homenagear os sujeitos praticantes que dão um sentido plural e uma estética singular para este estudo. São praticantes cuja força e histórias de vida nos permitem uma maior sensibilidade para transformar ausências em presenças.

Vale também dizer que muitas outras pessoas em situação de rua compuseram o corpus de nossa pesquisa. Como dito anteriormente, um total de seis (6) sujeitos. Entretanto, dada a riqueza de suas práticas, não nos foi possível contemplar a todos. Neste momento, foi preciso selecionar desse universo, apenas duas (2) pessoas em situação de rua. Para tanto, estabelecemos os seguintes critérios: maior número de contatos (viabilizado pelos horários de encontro); contemplação dos dois gêneros (masculino e feminino); disponibilidade de participar.

## A saga itinerante de um *flâneur*: um olhar (dis)traído pelos encantos do cotidiano

Ao nos dispor a realizar uma pesquisa sobre as pessoas em situação de rua na cidade de Maceió, estamos cientes de que é preciso, antes, permitir-nos ocupar a posição de um *flâneur*, passeando pelas ruas para admirar a estética que ali se produz em virtude de tantas pessoas – e histórias, que, sob determinada (des)ordem de um cotidiano, se cruzam em silêncio. Colocar sob o olhar investigativo algo que nesses espaços se passam, é procurar tirar o véu dessa rotina/retina – descortiná-la de suas vãs aparências. Como diz Benjamin (1994), é autorizar-se a ver “a cidade sem disfarce”. E isso significa poder implicar(-se) com este contexto que ali se inscreve a cada dia. Por isso, é preciso caminhar pelos bairros, vagando pela sua geografia e redescobrimo seus espaços com a presença jubilatória do outro, porque é desse modo que “[...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 2009, p. 165). Ou seja, “O ato de caminhar perece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (p. 164).

Nas trilhas desse percurso, numa saga itinerante, nos pusemos em busca dos “lugares” de encontro das pessoas em situação de rua – sujeitos da pesquisa. Em princípio, parecia uma “tarefa simples”. No entanto, conforme dito anteriormente, ela demandou esforço físico para localizar “nossos sujeitos” espalhados pela cidade de Maceió, pois são muitas as pessoas que vivem em situação de rua. Ir ao encontro do desconhecido para (me) expor a minha ignorância.

Mais do que falar, certamente vou precisar ouvir sobre aquilo que não sei e ao mesmo tempo me fascina.

Nessa travessia pelos bairros, tentando, inclusive, localizar as ruas e praças que elas mais frequentam ou estão, nos deparamos com alguns deles, diversas vezes, numa grande roda de conversa. Ao nos aproximarmos do grupo, pudemos perceber que eram pessoas de diferentes idades e gêneros humanos. A conversa entre eles parecia animada, sentados à sombra de uma árvore, sentados numa praça. Um momento de pausa e cumplicidade entre eles. Nesta amizade em que se “[...] abrem as portas para uma hospitalidade sideral, sem impor condições” (SKLIAR, 2014, p.50).

Aproveitamos a ocasião para conhecê-los informalmente e também fazer uma breve apresentação sobre o objetivo de nossa pesquisa. E eles foram receptivos e pareciam até mesmo entusiasmados com a possibilidade de serem os protagonistas de uma “história”, sugerindo outros nomes de colegas, que ali não se encontravam – para fazerem parte da pesquisa. Porém, tiveram àqueles que não quiseram participar e respeitamos sua decisão.

Apesar de os primeiros contatos com essas pessoas terem se dado de modo informal, através deles já foi possível, ao compartilhar dessa roda de conversa, bem como de outros encontros fortuitos (para identificação de seus espaços), nos darmos conta das angústias e das alegrias, cada vez que nos dispúnhamos a escutar um pouco da(s) sua(s) história(s) – das pessoas de rua, em geral, excluídas, logo cedo, do contexto escolar. Nessas primeiras conversas (ainda sem a aparelhagem dos instrumentos de pesquisas), como forma tática de aproximação, nos foi narrado, por muitos, que nem sequer tiveram a oportunidade de conhecer a escola ou que pararam de estudar por diversos motivos.

Ao participar dessas conversas, percebemos a importância de se poder, de fato, dar voz àqueles que foram silenciados em seus saberes. Assim, “**fala-se deles** mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem um discurso emprestado, o que os dominadores usam” (BOURDIEU, 2007, p. 69. Grifos nossos). Trata-se, então, nas tentativas de narrações sobre suas histórias, de oferecer escuta e, ainda mais, “de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (PARANÁ, 1996, p.317).

A finalidade dessas conversas não era transformar as falas em dados estereotipados para prestar conta a um modelo dominante de ciência, na qual se deposita uma pretensa autoridade acadêmica. Nem mesmo classificar atitudes, colocando-me na posição de quem tem o domínio da verdade. Ao contrário, a intenção era colocar-me na posição de escuta. Poder ouvi-los falar sobre o que muitos pesquisadores parecem não querer dar atenção para não perder tempo, tempo esse que a pesquisa caracteriza como factível. No entanto, é preciso compreender que

Talvez, para encontrar o Outro, se tenha de descarrilar destes tempos do possível e do previsível, desses tempos dominados pelos projetos e pelos cálculos, para deixar-se compassar e embalar em um tempo de idade volta, um tempo elástico que se recusa ser medido e contabilizado (PLACER, 2011, p.89).

Ao escutar das pessoas em situação de rua, que falam sobre suas trajetórias de vida, escolar, de seu modo de pensar, de seu viver e do seu sentir enredados em suas práticas cotidianas, “[...] espero tornar sensíveis aquele fragmento da voz, aquele movimento às vezes rude, áspero, aquele frêmito de uma emoção, de uma lembrança” (CERTEAU, 2009 p.226). Espero dar a palavra para que ela a mim retorne não como tradução, mas como um sopro significativo, que nos faz ouvir algo singular na “Textura de vozes vivas e verdadeiras que dá densidade a palavras tão comuns” (idem, idem). Assim, pudemos estabelecer relação entre os saberes e as experiências estéticas reveladas pelas pessoas em situação de rua através das imagens.

## **A imagem fotográfica como possibilidade de o sujeito revelar seus saberes e história de vida**

Não-existência que como diz Santos (2008) é produzida no contexto de uma “razão metonímica”, surgida com e fomentada pela Ciência Moderna que somente valida e visibiliza os sujeitos e saberes que ela própria consegue compreender. Nesse contexto, tudo aquilo que escapa a essa razão é desperdiçado como experiência, quando na verdade o problema não reside nem na experiência nem no sujeito que a vive, mas sim na razão que o classifica.

Temos como pressuposto a ideia de que há uma diversidade epistemológica no mundo e nosso trabalho tem como direção o reconhecimento e a valorização dessa pluralidade. E essa pluralidade transita em espaços onde as pessoas em situação de rua frequentam. Como Santos, também pensamos que “a experiência social [...] é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante” (SANTOS, 2008, p. 94). Em tese, acreditamos numa perspectiva na qual enxerga a fotografia como uma ferramenta que permite o outro expressar seus saberes, seus desejos e história de vida.

Nesse sentido, a imagem fotográfica permite revelar experiências, pois de acordo com Samain (2012), as imagens são produzidas a partir de determinados conhecimentos e que produzem também conhecimentos - seus cotidianos, suas táticas de “uso/apropriação” do espaço e tempo de onde foi tirada e por quem foi tirada. As fotografias implicam, entre outras coisas, pensá-las como revelação e uma “grande e misteriosa experiência”, e ainda, contribuem para tornar uma experiência narrável (BENJAMIN, 1994).

As imagens fotografias são como “molas inspiradoras” que muito nos revelam sobre o olhar e as concepções de mundo de cada sujeito que a produziu. Mais ainda: o quê, daquilo que (se) diz/vê, faz reverberar como experiência, dando sentido ao que acontece no cotidiano. Desse modo, as imagens possibilitam aos sujeitos a experimentar, (re)criar e (re)inventar narrativas variadas, a partir daquilo que criam na sua relação com essas imagens.

Estas, por certo, produzem realces, descrevem momentos e situações, além de nos possibilitar olhar/compreender a realidade e a dinâmica dos cotidianos. Olhá-las é o exercício de colocarmo-nos em diálogo. Embora possa parecer um contrassenso pensar e tentar compreender a dinâmica do cotidiano por meio de imagem fotográfica - uma vez que temos a ideia de que a partir da foto cristalizamos a imagem - é impossível não reconhecer que essas imagens, potencialmente, nos revelam sonhos, desejos, disfarçadas aventuras. Enfim, modos de subjetividade dos sujeitos.

Para Ciavatta (2002, p. 32), “a imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado”. Portanto, as imagens (re)inventam e (res)suscitam histórias, histórias implicada por um passado e presente. Talvez, seja por isso, que “imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas” (FLUSSER, 1985, p.7).

Flusser vai nos contar que a “a fotografia se movimenta na floresta densa da cultura” (FLUSSER, 1985, p. 18). Cada imagem é um momento, uma escolha, uma revelação sobre algo ou alguma coisa. Afinal, é através do olhar fotográfico que possibilita o sujeito a captar e registrar práticas de seu cotidiano, pois a fotografia é “sempre alguma coisa que é representada” (BARTHES, 1984, p.49), atravessada pela subjetividade, “a fim de descobrir visões até então jamais percebidas”. (FLUSSER, 1985, p. 18).

E, além disso, a fotografia consiste no pensamento afetos daquele que o produziu, mas ela é também o diálogo com aquele que vê, ou o quê provoca naquele que a vê, como sugere Samain (2012), pois as imagens que emergem das fotografias contam muitos das pessoas em situação de rua que as fotografam: falam de memórias, de sonhos, de afetos, de suas formas de conhecer e ser, ou seja, falam de suas existências. Portanto, “toda imagem nos oferece algo para pensar” (SAMAIN, 2012 p. 22), veicula pensamentos e é produzida/veiculada pelos mesmos.

Nesse sentido, todas elas são fenômenos de memória: produzem e são produzidas pela memória. Com efeito, as fotografias nos dão pistas do que pensa e do que sente quem produz as imagens. As imagens que as fotografias produzem e reproduzem, tal como as enunciações verbais tem um auditório social (BAKHTIN, 2003) e consistem em um ato responsivo, já que

estão sempre respondendo a um “outro”, em interação.

### **Memórias narrativas escolares das pessoas em situação de rua através de imagens fotográficas: trajetórias de diamante e esmeralda**

Diamante não concluiu o Ensino Médio; e têm o desejo de continuar os estudos. Diamante diz que quer estudar e poder encontrar à família: “Ah! Queria voltar a estudar. Mas já passei da idade. Estou aqui aguardando minha família”. Um desejo que parece se confundir com o que ele elege para fotografar. Ao solicitar para tirar foto de seu cotidiano, ele elegeu um prédio, como podemos observar a seguir:

**Imagem 1.** Uma boa esperança.



**Fonte:** Diamante (2019).

**Pesquisador** – e do prédio[...]por que você escolheu tirar foto deste prédio...? qual título...qual legenda você daria...nome?

**Diamante** – do prédio...!? aah... me fez lembrar...uma boa esperança...

**Pesquisador** – por que uma boa esperança...? Lembrar o quê?

**Diamante** – faz parte da minha vida assim...assim...tenho esperança de voltar pra casa. Tenho esperança.

...

**Pesquisador** – mas o prédio lembra...?

**Diamante** – era assim quando eu morava. Morava com a minha mãe e irmãos. Era menor o prédio...tinha 3 andar... Mas era assim...

**Pesquisador** – era bom...? Você gostava...

**Diamante** – sim...era bom demais, menino...ia pra escola. Depois tive que trabalhar...

**Pesquisador** – o que você lembra da escola? Tem algo que marcou...?

**Diamante** – da escola...que lembro...quando minha vizinha foi até a escola fazer minha festa...

**Pesquisador** – que bacana! fizeram uma festa surpresa...pra você?

**Diamante** – foi a vizinha...ela trabalhava no colégio onde estudava.

Esse sujeito, ao relatar sobre sua história de vida, o que nos chamou atenção é o passado implicado no seu cotidiano. Percebe-se, talvez, o desejo por um lar e, mais ainda, a lembrança da época quando estudava. Portanto, a subjetividade está impregnada desse desejo de proteção. Assim, a memória narrativa de Diamante sobre sua trajetória escolar mostra que sua trajetória de vida foi desde sempre barrada, e isso agora se confunde com o seu desejo de voltar a estudar e reencontrar sua família, vez que as suas lembranças a remetem “a uma boa lembrança” da escola, em virtude de morar, à época, num prédio, parecido com o da foto tirado por ele.

Nesse sentido, esse sujeito, ao relatar sobre sua história de vida e escolar, percebe-se as pistas marcadas pela interrupção e exclusão escolar, dada à sua condição econômica e social atualmente e seu envolvimento com drogas. Na verdade, mais do que se retirar da escola, ele foi (e continua sendo) “eliminado” do processo de escolarização – negados que são em seus saberes. Percebemos o quanto o envolvimento com drogas e trabalho na adolescência tornou mais tortuoso o percurso escolar desse sujeito. Por isso que,

Fundada na ciência moderna, na absolutização do saber formal como única forma de saber e na crença de que cabe à escolarização ‘elear’ o educando da ‘cultura popular’ à alta cultura, modelo de escola dominante promove inferiorização discriminatória dos diferentes, universalizando particularismos tanto na estruturação do próprio sistema, evidenciando seu comprometimento com o projeto capitalista de progresso através do desenvolvimento ilimitado possível através da melhoria de produtividade pela ampliação de acumulação (OLIVEIRA, 2008, p. 83).

Isso se configura como uma forma de exclusão desses sujeitos do saber cultural escolar. Como adverte Bourdieu e Passeron (2008), a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, constituída segundo uma divisão de poderes extremamente desigual. Dessa forma, o sistema capitalista é um dos maiores causadores dessa desigualdade socioeconômica, tornando as pessoas em situação de rua em condição de vulnerabilidade social. Ainda sobre a imagem do prédio:

**Pesquisador** – você acredita que se tivesse continuado a estudar e não se envolvido com drogas, estaria em um outro lugar?

**Diamante** – com certeza.. com minha família. Estou aqui esperando eles. Poderia estar famoso[...]É[...] eu joguei bola no SESI...hoje eu estaria poderoso[...]seria um jogador famoso (risos).Todo mundo ia olhar pra mim.



**Pesquisador** – as pessoas não olham pra você...

**Diamante** – assim...alguns não...eu...na rua...algumas diz “oi”...“oi”...aquelas pessoas desse prédio (se referindo ao prédio que tirou foto), me ajuda.

Ainda que todas essas histórias de Diamante sejam reinventadas, elas não deixam de revelar o quanto ele se ressentia dessa falta de visibilidade que recaí sobre ele em seu cotidiano. O desejo de ser olhado com respeito e distinção se potencializa nas narrativas orais desse sujeito. E para ele, possivelmente pelas suas experiências, só os poderosos gozam desse prestígio. Ele acredita que só quem ocupa certos lugares de poder (como ele mesmo se referiu a um jogador de futebol) é dado o direito de ser visto. Assim, ao fazer suas narrativas orais, pode recheá-las com as suas fantasias e ressignificar suas frustrações. Por isso, não perde a oportunidade de (re)criar sua(s) história(s). Afinal, como dizia Etienne Samain, toda imagem é uma memória de memórias.

Já Esmeralda tem 43 anos é também uma das protagonistas deste trabalho. Ela a todo instante se mostrava como alguém que queria “ser vista”, ou melhor, revelar suas maneiras de fazer (CERTEAU, 2009) o seu cotidiano. Não é à toa que ao solicitar que tirasse foto de seu cotidiano, Esmeralda tirou foto do espaço aonde suas maneiras de fazer-cozinhar são reveladas, conforme podemos verificar na imagem a seguir:

**Imagem 2.** Um lugar da felicidade.



**Fonte:** Esmeralda (2019).

A foto acima revela o espaço onde Esmeralda cozinha para seus amigos. Esmeralda, enquanto praticante, utiliza-se de táticas próprias – que se ocupam das “artes de fazer” (CERTEAU, 2009) para sobreviver em seu cotidiano. Além de tirar foto do espaço do qual configura-se como um elemento de sua existência, ela invocou o pesquisador para tirar foto dela, nesse espaço/praticado e reinventado por ela. É possível perceber que a imagem não só nos permite ver, mas possibilita o sujeito a refletir sobre ele mesmo (ARAÚJO; WUNENBURGER, 2006).

É curioso notar que as memórias narrativas desses sujeitos misturam passado-presente-futuro, atravessadas pelos significantes: escola, família, casa. Na verdade, os significantes flagrados nas falas de Esmeralda e Diamante são tecidos pelo fio discursivo de uma (in) visibilidade operante em seu cotidiano. As imagens eleitas em seus cotidianos dão visibilidade àquilo que (re)inventam em suas histórias com “as astúcias de interesses e de desejos diferentes” (CERTEAU, 2009), em busca de uma justiça social e, sobretudo, de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004).

## Considerações Finais

Através das memórias narrativas, forjadas, inclusive, nas fotografias desses sujeitos, é possível perceber os enredamentos subjetivos nelas marcados, revelando que o que é lembrado não é exatamente o que foi vivido, posto que tal lembrança sofre o efeito do que está sendo vivido. Memórias borradas pelas experiências atuais, revelando que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. [Ou seja], é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo da textura” (BENJAMIN, 1994, p.37).

Nesta perspectiva, ao analisar as memórias narrativas das pessoas em situação, exigiu esforço dos pesquisadores para que não se limitassem a um entendimento ingênuo da realidade, desconsiderando os limites e as possibilidades entre o pesquisador, sujeitos participantes e os espaços nos quais frequentam, já que estes últimos são os espaços em que as pessoas em situação de rua habitam.

Os resultados preliminares sinalizam que as pessoas em situação de rua têm histórias de vida e escolar diversas, mas sempre apagadas pela sociedade moderna ocidental, visto que são sujeitos expostos a condição de vulnerabilidade social, econômica e cultural. É possível perceber a partir das imagens fotográficas e diálogos que esses sujeitos buscam, de certo modo uma “justiça social”, como também podemos dizer uma “justiça cognitiva”, vez que as lembranças rememoradas remetem a episódios positivos (e até de resistência cotidiana), atravessados na trajetória de vida e escolar.

## Referências

- ARAÚJO, Alberto Filipe; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional**. São Paulo: Cortez, 2006.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Ed., 2004.
- BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- BAKHITIN, Mikhail. **Teoria y estética de la novela**. Madrid: Taurus, 1989.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna. Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. São Paulo: Vozes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. RJ: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm [1844-1900]. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MELLO, Thiago. A vida verdadeira. In: **Faz escuro, mas eu canto**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Boaventura & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PARANA, D. **O Filho do Brasil: de Luiz Inácio a Lula**. São Paulo: Ed. Xamã, 1996.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. In: **Educar em revista**. Curitiba: UFPR, 2014.

PLACER, Fernando González. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. p. 49-75.

SAMAIN, Etienne. "Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológico**, n. 2, p. 23-60, 1995.

\_\_\_\_\_. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiên-**

cia. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SARAIVA, Karla. A babel eletrônica – hospitalidade e tradução no ciberespaço. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). **Derrida e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Recebido em 12 de janeiro de 2021.

Aceito em 23 de agosto de 2021.